

SPINOZA E O TEATRO

Aluna: Andrea Moreira Streva

Orientador: Mauricio Rocha de Albuquerque

Introdução

Após a morte de seu irmão Isaac, Baruch de Spinoza abandonou seus estudos e passou a ajudar o pai, Michael, nos negócios da família, que tinha uma firma de importação e exportação no final de 1649. Isto explica a ausência de registro de Spinoza nos arquivos do ensino superior de sua escola. Supõe-se que ele tenha deixado a escola até mesmo antes, logo após a conclusão do ensino fundamental, quando teria aproximadamente 14 anos.

A retirada escolar precoce do jovem Spinoza por parte de seu pai, antes mesmo que ele começasse a avançar em seus estudos, faz presumir que Michael nunca pretendeu transformar o filho em um rabino. Mas que planejava que Spinoza fosse um comerciante como ele. Em 1654, inclusive, Spinoza é citado em notórios documentos como “o comerciante português de Amsterdam”[1].

Em dezembro de 1640, Portugal rompeu sua união política com a Espanha, o que deu abertura para os sefarditas de Amsterdam começarem a restabelecer seu vínculo mercantil com Portugal e suas colônias.

Em 1644, o Brasil comportava cerca de mil e quatrocentos judeus holandeses, concentrados principalmente em Recife. A paz entre a república holandesa e Portugal não durou muito e os holandeses foram logo expulsos das colônias portuguesas.

Com a instabilidade do comércio no exterior, no interior da Holanda não era muito diferente. Nos últimos anos de vida de Michael, todos os ganhos de sua firma, oriundos da renovação da rota espanhola, foram utilizados para compensar os adversos efeitos da interferência inglesa na navegação mercantil holandesa.

Spinoza logo perdeu seus pais e seus irmãos, ficando sozinho na administração dos negócios mercantis de sua família. Como homem de negócios, Spinoza mostrou não ter muita perspicácia na cobrança de dívidas, já que era muitas vezes enrolado por comerciantes inadimplentes.

A falta de sucesso como comerciante, pode ter sido um dos fatores que o levaram a retomar seus estudos e sua conseqüente reaproximação com o judaísmo. Essa reaproximação gerou em Spinoza sérias dúvidas quanto ao dogma e prática de sua religião, transformando seus 22 anos em um momento de profunda crise espiritual e intelectual. A insatisfação com as explicações judaicas somada a uma busca pela verdade, despertou em Baruch o desejo de procurar, através da filosofia e das ciências, por um conhecimento mais amplo do mundo[2].

Desta forma, Franciscus Van den Enden, que em 1654 já teria aberto sua escola de latim, entra na vida de Spinoza. Van den Enden, além de professor de latim, tinha uma papel crucial na formação intelectual de seus estudantes. Introduzia-os nas ciências políticas através de um discurso extremamente oprimido pelas autoridades da época. Em seus livros, defendia um estado democrático radical, que separasse a ideologia política das crenças religiosas e onde os líderes religiosos não tivessem nenhum papel governamental. Insistia na liberdade de expressão, de religião e de opinião, assim como na igualdade civil, legal e política entre todos os membros do Estado.

Objetivo

Vê-se que Spinoza estava em boas mãos. Através de Van den Enden, ele foi posto em

contato com uma impressionante gama de textos, ideias e personalidades importantes da época. A aprendizagem, principalmente do latim, língua extremamente valorizada na época, com a qual todos os importantes trabalhos filosóficos e políticos eram escritos, se dava através da prática teatral. Não somente na escola de Van den Enden, mas na maioria das escolas da época, o teatro era a forma mais interessante de fazer com que os alunos fixassem os novos vocábulos aprendidos.

Como dito por Kerckrinck, “as artes liberais e a filosofia eram uma forma de educação humanística esperada pelas famílias burguesas européias do século XVII, que mandavam seus filhos para escola, e comumente usada pelos professores de latim da época para melhorar a fluência na gramática, sintaxe e, sobretudo, no estilo”. As encenações teatrais eram o método do ensino humanista, integrado pelos jesuítas. Os textos eram lidos em voz alta, selecionados por seu valor lexical e estilístico, com a retenção de frases elegantes e fórmulas consagradas.

Metodologia

Seguindo os padrões de ensino, Van den Enden introduzia seus alunos na poesia clássica, drama e filosofia, principalmente nos legados gregos e romanos e nos trabalhos neoclássicos da renascença. Spinoza teria lido, neste período, Platão, Aristoteles, e os filósofos estoicos em geral; como Sêneca, Cícero e Ovídio. Também foram lidas as grandes tragédias, comédias e histórias da antiguidade. É, inclusive, perceptível, nos textos spinozanos, menções esparsas a poetas latinos, sendo sua biblioteca particular uma prova concreta do contato do filósofo com esse tipo de literatura.

Resultados da Pesquisa

O fato de Van den Enden ser particularmente admirador das artes dramáticas fez com que ele encorajasse seus alunos a praticar o teatro. Frequentemente era cobrado o ensaio de discursos dramatizados como forma de desenvolver a eloquência em grego e latim. Acreditava-se que fazer com que os estudantes interpretassem as passagens das peças latinas faria com que eles melhorassem sua pronúncia, fraseologia e articulação (verbal e corporal), consideradas tão essenciais para o sucesso retórico. Com frequência, os alunos recebiam monólogos para memorizar, compor e depois interpretar, não apenas recitar. Ocasionalmente, estes trabalhos eram apresentados em produções públicas sob o formato de peças teatrais.

Em 1657, o Consistório Calvinista de Amsterdã advertiu seus membros a não permitir que seus filhos participassem das montagens teatrais dirigidas por Van den Enden, descrito como católico romano. Não impediu, entretanto, que fossem encenadas *Andria*, de Terêncio e *Philedonius*, do próprio Van den Enden, além de outras no ano seguinte: *Eunuco*, de Terêncio e *As troianas*, de Sêneca. Em 1664, ele voltaria a encenar a *Medéia*, não se sabe exatamente se o original de Eurípedes ou a versão de Sêneca, com suas filhas e seus alunos – o que provocaria um escândalo[3].

A peça *Philedonius*, escrita por Van den Enden, foi vagamente baseada em outra chamada *Pinax* ou *Tabula* (à época atribuída a Cebes de Tebas, pupilo de Sócrates, mas hoje a algum estoico anônimo do século I ou II d.C.), que era celebrada como instrumento didático no ensino do grego e da moralidade para os jovens, sendo citada por John Milton e pelo *Ratio studiorum*, o “programa curricular” da educação jesuíta, que formou Van den Enden.

Philedonius foi dividida em 3 atos, que são distribuídos em oito, quatro e nove cenas, consecutivamente. Faz alusão sem dúvidas a um código religioso bem definido, sendo uma obra subversiva e subterrânea em relação a uma cultura pré-existente, ainda sentida ameaçadora ao Renascimento. É evidente a intenção de admoestação e edificação que a peça carrega por sua visão social.

É quase certo que Spinoza participou de uma montagem da peça *Eunuco* de Terêncio, atuando como Parmênão, o escravo. A escrita de Baruch mostra um íntimo conhecimento dos trabalhos de Terêncio, além de frases em latim retiradas diretamente de peças romanas, particularmente de duas comédias que Van den Enden deu para seus alunos interpretarem em 1657 e

1658. Spinoza deve ter decorado suas partes muito bem, retido e adaptado o que ele precisou para sua própria escrita e correspondências.

Eunuco é uma comédia latina escrita por P. Terêncio Afer, escritor do período arcaico do qual há dados biográficos quase completos, apesar de muitas vezes duvidosos. Terêncio teria nascido em Cartago entre 195 e 184 a.C., de origem africana, como indica seu cognome Afer(=o africano). De acordo com suas biografias, foi capturado e enviado à Roma como escravo do senador Terêncio Lucano, que concedeu-lhe uma educação liberal e mais tarde o libertou. É certo que escreveu apenas 6 peças, entre elas Andria e Eunuco, trabalhadas por Van den Enden com seus alunos.

O Eunuco trata da história de Taís, cortesã originária de Rodes e residente em Atenas, e dos dois jovens Fédria e Quérea. Fédria, amante de Taís, vê-se excluído da casa da cortesã. Um antigo amante dela, o soldado Trasão, chegou do Oriente e trazia consigo Pânfila, uma jovem escrava que tinha sido criada na casa da mãe de Taís, em Rodes. Um tio de Taís pôs a jovem à venda, e o soldado resolveu então levá-la novamente a Taís, como um presente. Mas com uma condição: que ela se dedicasse exclusivamente a ele durante sua estada em Atenas. Taís vê uma boa oportunidade de restituí-la a seus familiares, pois a moça era na verdade uma cidadã ática raptada por piratas na infância. Assim, ela pede a Fédria que se afaste pelo período de dois dias, até que se desse o reconhecimento. Contudo, Quérea, o irmão mais novo de Fédria, apaixonou-se por Pânfila e entra na casa de Taís, no lugar de um eunuco que seu irmão comprara no dia anterior para ela, e viola a moça. No fim, Quérea tem que se casar com Pânfila, e Fédria pode ficar com Taís, mas por meio de um acordo intermediado pelo parasito Gnatão, concorda em dividi-la com o soldado.

O personagem supostamente representado por Spinoza se contextualiza na peça como escravo de Fédria e Quérea. A figura de escravo leal, que além de não questionar sua condição, mantém-se fiel a seus senhores, retratada, por Terêncio, na figura de Parmenão, se opõe a outro tipo, bastante comum nas comédias de Plauto: o escravo descontente com a escravidão e ávido por liberdade. A relação que Parmenão estabelece com seus senhores é de comprometimento, de dever moral.

A personagem de Parmenão deve ser lida à luz da filosofia estoica, levando-se em consideração que tratamos aqui de uma comédia latina, que representa o vício e o erro; e o grande problema de Parmenão consiste em sua leitura paródica do estoicismo. É a partir do estoicismo que podemos compreender melhor o comprometimento de Parmenão com a família que serve. Pois para a moral estóica: o homem deve aceitar sua condição, independente de qual seja. O estoicos consideram que “quando a emoção se instala, a razão é temporariamente relegada, de sorte que se torna impossível o controle racional. O homem comporta-se então como um cego espiritualmente ou como um desvairado” (Röd, 2004:293).[4] O discurso de Parmenão sobre o amor toma o apaixonado como alguém fora de si.

Parmenão disserta sobre o amor, situando este na esfera do irracional. Para ele, o amor é algo sem prudência ou moderação, impossível de ser governado pelo senso prático. Desta forma, não se pode lutar contra ele, pois lutar contra o incerto resulta enlouquecer-se. De nada adiantando lutar contra algo que não se pode vencer. O amor é a escravidão contra a qual a única solução é libertar-se como for possível e enquanto isso suportá-lo com sabedoria:

Parmenão: *O que fazer? Nada senão se resgatar da escravidão pelo menor preço possível. Se você não puder por pouquinho, pelo quanto puder. E não se aflija.*

Fédria: *É assim que você me aconselha?*

Parmenão: *Se você for sensato, não acrescente desgostos além dos que o próprio amor já tem, e mesmo aqueles que já tem, suporte-os bem. (vv. 74-8)*

Interessante observar como a filosofia de Parmenão sobre o amor coincide com a temática da parte IV da Ética, na qual Spinoza trata sobre da servidão passional. É claro que não se pode afirmar que a peça tenha efetivamente influenciado Spinoza a tratar da questão dos afetos, mas a observação fica para questionamentos posteriores. Afinal, unicamente através da experiência e dos encontros que fazemos na vida, nos formamos e passamos a desenvolver pensamentos novos. Então, de certa forma, tudo influi na criação.

Referências

- [1] NADLER, Steven. Spinoza: a life. p. 81
- [2] NADLER, Steven. Spinoza: a life. p. 101
- [3] ROCHA, Maurício e NOGUEIRA, Daniel. Franciscus van den Enden (1602-1674). p. 4
- [4] SILVA, Nahim Santo Carvalho. Eunuchus de Terêncio: estudo e tradução. p. 58

Bibliografia

- MEINSMA, K.O. Spinoza et son cercue. Paris: Vrin, 2006.
- NADLER, Stephen. Spinoza: a life. Cambridge. 1999.
- PROIETTI, Omero. Cahiers Spinoza: numéro 6. Printemps, 1991.
- ROCHA, Maurício e NOGUEIRA, Daniel. Franciscus van den Enden (1602-1674).
- SILVA, Nahim Santo Carvalho. Eunuchus de Terêncio: estudo e tradução.